

## A METÁFORA COMO MECANISMO MOTIVADOR DA GRAMATICALIZAÇÃO<sup>1</sup>

Maria Cristina Morais de Carvalho<sup>2</sup>

**Resumo:** A gramaticalização é definida como o processo de mudança em que um item lexical passa a ser gramatical ou então um item mais gramatical torna-se mais gramatical ainda. Alguns pesquisadores, como Heine et alii (1991) a consideram como um fenômeno independente de mudança lingüística e à emergência de categorias gramaticais. Outros autores, como Newmeyer (2001), a definem como um epifenômeno, isto é, uma mudança dependente de outros processos de mudança lingüística como a reanálise, redução fonética e enfraquecimento semântico. Dentre essas duas propostas, este artigo compreende a gramaticalização como um fenômeno independente de outros processos lingüísticos, resultante de alteração conceitual e categorial, observando a metáfora, no sentido de Lakoff & Johnson (1980), como mecanismo motivador da gramaticalização. A partir da revisão de pesquisas seminais sobre gramaticalização (LAKOFF E JOHNSON, 1980; HEINE ET ALII, 1991; SWEETSER, 1988, 1990; HOPPER E TRAUOGOTT, 1993; HEINE, 1994 e HEINE E KUTEVA, 2007.), percebe-se a importância do estudo dos deslizamentos conceituais na língua, sobretudo a metáfora, para analisar os processos de mudança lingüística em uma língua.

**Palavras-chave:** metáfora, gramaticalização, mudança lingüística, mecanismo motivador.

### Introdução

A gramaticalização é o fenômeno definido como o processo de mudança em que um item lexical passa a ser gramatical ou então um item mais gramatical torna-se mais gramatical ainda. É um fenômeno ligado à noção de mudança lingüística e à emergência de categorias gramaticais e, por isso, o interesse sobre os estudos de gramaticalização remonta a lingüística pré-saussuriana, como afirma Heine et alii (1991).

Quais são as conseqüências de se assumir a passagem [léxico] > [gramática]? Como os estudiosos do fenômeno perceberam o processo de transição das categorias lexicais e gramaticais? Gonçalves et alii (2007, p. 27) apresentaram uma escala evolutiva nos estudos lingüísticos sobre gramaticalização, disposta a seguir:

- (i) a versão de Meillet, que concebe a gramaticalização como a passagem [+ lexical] > [- lexical];
- (ii) a oferecida por Kurilowicz, que adiciona ao cline de Meillet a passagem [- gramatical] > [+ gramatical];
- (iii) as versões dos estudos atuais [qualquer material lingüístico] > [+ gramatical]

De acordo com essa escala, o estudo da lingüística moderna sobre gramaticalização teve o

<sup>1</sup> Esse artigo é uma adaptação do capítulo sobre gramaticalização da minha dissertação de mestrado.

<sup>2</sup> Professora do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás- Unidade Universitária de São Luís de Montes Belos. E-mail: [macri\\_carvalho@yahoo.com.br](mailto:macri_carvalho@yahoo.com.br)

trabalho de Meillet (1912, apud HEINE ET ALII, 1991) como pioneiro. Para Meillet, a evolução das formas gramaticais poderia ocorrer tanto pela inovação analógica, quanto pela gramaticalização que é a atribuição do caráter mais gramatical às formas lexicais.

A definição (ii) da gramaticalização prevê uma noção processual para o fenômeno. É dessa definição que surge a segunda parte do conhecido conceito de gramaticalização: *um item gramatical tornando-se um item mais gramatical ainda*. Isso significa que a passagem de uma forma lexical para gramatical não ocorre de uma forma abrupta, mas possui estágios, formando um *continuum* de mudança.

Em (iii) há a correlação do desenvolvimento dos estudos sobre gramaticalização e a teoria funcionalista da linguagem, como Pezatti (2004) sugere que a gramaticalização seja um sub-paradigma funcional.

Existem várias maneiras de se conduzir um estudo de gramaticalização. Gonçalves et alii (2007) alertam sobre essa diversidade. Segundo os autores, alguns estudiosos consideram a gramaticalização como fenômeno, outros como paradigma e ainda aqueles que definem a gramaticalização como teoria.

Heine e seus colaboradores (1991) propõem que a gramaticalização é um fenômeno independentemente de outros processos lingüísticos de alteração conceitual e categorial. Heine e Kuteva (2007), por exemplo, consideram a gramaticalização como processo constitutivo das línguas, visão semelhante a de Heine (1994).

Por outro lado, Ramat e Hopper (1998), Newmayer (2001), Campbell (2001) e outros entendem que a gramaticalização depende de vários processos de mudanças lingüísticas e, por isso, não possui um estatuto próprio, pois suas características são compartilhadas com outros fenômenos de mudança lingüística, conforme afirma Campbell (2001, p. 117): “Eu defendo que a gramaticalização não tem nenhum status independente, mas é derivada de outros tipos de mudança linguística [...]. A gramaticalização tem apenas alguns princípios que estão em associação com outros mecanismos de mudança [...]”<sup>3</sup>

Apesar dessas diferenças entre as abordagens sobre a gramaticalização, é preciso observar que todas essas perspectivas possuem pontos em comum em torno do fenômeno. A principal delas é a proposta de que as mudanças provocadas pela gramaticalização não são abruptas. Metodologicamente, a gramaticalização pode ser vista tanto por uma perspectiva diacrônica quanto sincrônica, ou então pancrônica.

---

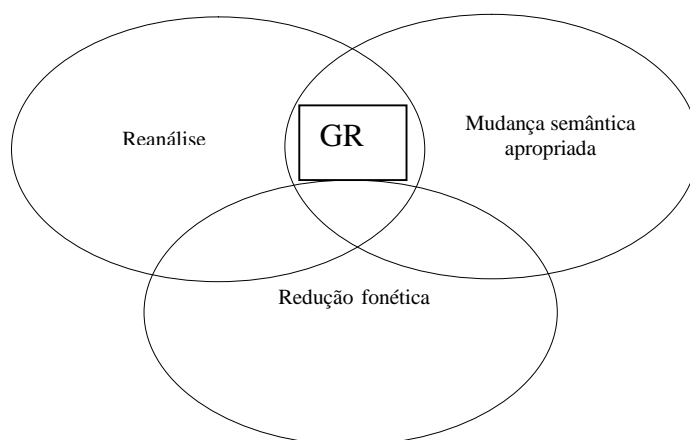
<sup>3</sup> I will argue that indeed grammaticalization does not have any independent status of its own, but rather is derivative of other kinds of language change. (tradução nossa)

Além disso, a gramaticalização é caracterizada como um fenômeno de ordem lingüística motivada cognitivamente. Heine (1994) sugere que a gramaticalização deva ser considerada como um parâmetro de explicação do surgimento e do desenvolvimento das categorias lingüísticas, motivada pela manipulação de conceitos cognitivos – metáfora e metonímia e inferências pragmáticas. Por outro lado, alguns autores como Bybee et. alii (1994) compreendem que essas manipulações cognitivas são apenas efeitos da mudança semântica ocorrida durante o processo.

De acordo com Lehmann (2002[1982]), as mudanças lingüísticas ocorridas no processo de gramaticalização afetam todos os níveis lingüísticos: sintático, semântico, morfológico e fonológico, produzindo fenômenos como: sintaticização, enfraquecimento semântico, morfologização e erosão fonética.

Na verdade, para alguns autores, a gramaticalização constitui-se como um fenômeno independente; para outros, a gramaticalização é considerada um epifenômeno, ou seja, é dependente de outros fenômenos de mudança lingüística. Newmeyer (2001, p.202) considera que a gramaticalização é produto das mudanças lingüísticas, conforme o diagrama a seguir:

**FIGURA 1-A GRAMATICALIZAÇÃO COMO UM EPIFENÔMENO**



Diante dessas convergências e divergências entre os estudos mais recentes sobre a gramaticalização, podemos concluir que o fenômeno pode ser observado e analisado por algumas propriedades e princípios:

### 1) Princípio metodológico da gramaticalização

**Unidirecionalidade:** o fluxo das mudanças provocadas pela gramaticalização é unidirecional, isto é, partem do léxico para a gramática e não ao contrário.

### 2) Perspectivas do estudo da gramaticalização

**Sincronia e diacronia:** a gramaticalização pode ser direcionada para a investigação da emergência de novos paradigmas na língua, assim como pode estabelecer a coexistência de novos significados para uma mesma forma.

### 3) Mecanismos de motivação:

**Manipulação conceitual:** processos em que formas lingüísticas com significados lexicais ou menos gramaticais são usadas para designar significados mais gramaticais. Esses processos podem ocorrer via a metáfora e a metonímia.

### 4) Processos que afetam a língua:

**Decategorização:** as formas expostas à gramaticalização perdem algumas características de sua categoria original e assimilam características de outras categorias. Isso resulta na emergência dos “híbridos lingüísticos” (HEINE ET ALII, 1991)

**Recategorização:** é o processo em que a língua restaura a iconicidade entre forma e significado. Os itens híbridos que passam pela gramaticalização desenvolvem novos padrões funcionais.

**Perda na autonomia:** o item gramaticalizado torna-se dependente de outros itens. É o caso de uma forma livre que se torna um afixo.

**Erosão:** ao passar pela gramaticalização, a forma tende a perder substância fonológica. Heine (1994) ao estudar a formação do aspecto progressivo em Ewe, mostra que ‘*me* passar a ser ‘*m*. Outro exemplo é a mudança de *going to* para *gonna* no inglês.

A partir dessas propriedades percebe-se o processo da gramaticalização. Neste artigo, são discutidos os mecanismos de motivação para o fenômeno (metáfora e metonímia), levando em consideração o pensamento funcional-cognitivo da linguagem.

## 2. Os mecanismos motivadores da GR

Ao compreendermos que a gramaticalização é motivada pela manipulação cognitiva dos falantes, se faz necessário discutir a metáfora e, além de motivar a GR, é constitutivo de toda a linguagem, conforme demonstra os estudos de Lakoff e Johnson (1980), Taylor (1989), Heine et alii (1991) Sweetser (1988), (1990), Hopper e Traugott (1993), Heine (1994) e Heine e Kuteva (2007).

### A metáfora

A metáfora, fora de uma abordagem cognitivista da linguagem, é vista como desvios das

regras de formulação da língua. Nesse sentido, o estudo de Lakoff e Johnson (1980) é fundamental para se compreender a metáfora como um fenômeno altamente correlacionado com a formação do sistema conceitual humano.

De acordo com Lakoff e Johnson (1980), as metáforas são corriqueiramente denominadas recursos retóricos e poéticos, sendo, portanto, utilizadas apenas em “situações especiais” de linguagem. No entanto, as metáforas são suportes para a constituição dos conceitos:

Os conceitos que governam nosso pensamento não são somente problemas do intelecto. Eles também governam o funcionamento da rotina. Os conceitos estruturam a nossa percepção das coisas do mundo e nossas relações com as outras pessoas. Nosso sistema conceitual, portanto, exerce um papel central na definição da nossa realidade. Se nós estamos certos ao afirmar que o nosso sistema conceitual é altamente metafórico, então a forma como pensamos, a experiência e a rotina são problemas de metáfora. <sup>4</sup>(LAKOFF E JONHSON, 1980, p. 3).

A metáfora funciona num contexto em que um conceito é estruturado em termos de outro. Um bom exemplo dado pelos autores são as metáforas de orientação em que conceitos mais abstratos são expressos em conceitos espaciais *up* e *down*. É importante salientar que essas transferências não são arbitrárias, elas baseiam-se nas experiências físicas e culturais dos falantes.

Nesse sentido, o trabalho de Lakoff e Johnson é muito importante por conceber a metáfora como manipulação conceitual. Além disso, essas manipulações produzidas pela metáfora serão codificadas distintamente em cada língua, os falantes materializam lingüisticamente os conceitos conforme suas experiências.

Taylor (1989) também contribuiu bastante para a visão da metáfora como mecanismo de constituição da linguagem. Em *Linguistic categorization*, ele propõe a metáfora como uma maneira de categorizar, não só as categorias não-lingüísticas, como também as categorias lingüísticas.

O autor ainda propõe que a metáfora é a conceitualização dos meios mais intangíveis da experiência em termos mais concretos. A categorização organiza-se em sistemas de semelhança de família em que termos centrais encadeiam-se aos termos mais periféricos de uma categoria através de redes de extensão de significado.

Assim, as relações metafóricas são entendidas como um mapeamento de um domínio, mais concreto, em termos de outro, mais abstrato. Lakoff (1987) prevê que algumas áreas da experiência

---

<sup>4</sup> The concepts that govern our thought are not just matters of the intellect. They also govern our everyday functioning, down to the most mundane details. Our concepts structure what we percieve, how we get around the world, and how we relate to other people. Our conceptual system thus plays a central role in defing our everyday realities. If we are right in suggesting that our conceptual system is largely metaphorical, then the way we think, what we experience, and what we do every day is very much a matter of metaphor. (tradução nossa)

são estruturadas por esquemas de imagens básicos do corpo humano, a saber:

- (a) recipiente: o esquema de imagem coloca um recipiente, com seu interior e exterior, no domínio do espaço tridimensional. O esquema de imagem é aplicado metaforicamente para um amplo número de domínios não - espaciais. Exemplos: por idéias em palavras / estar apaixonado / estar brigado com o amor.
- (b) Trajetória e suas partes componentes: esse esquema diz respeito ao esquema de origem, trajetória e destino. Exemplos: a conceitualização da vida como uma viagem / minha vida está rodando em círculos.
- (c) Proximidade e distância: nessa extensão, os domínios não espaciais são organizados em termos de espaço. Exemplos: expressões que envolvam o grau de envolvimento emocional como *somos próximos*.
- (d) Ligação e separação: noções espaciais estão relacionadas com abstrações. Exemplo: manter contato / quebrar laços / cortar relações.
- (e) Relação para frente e para trás: esquema aplicado ao corpo humano, a partir da posição frontal onde os órgãos sensoriais estão localizados. Exemplos: o futuro está à frente / o passado está para trás.
- (f) Relação parte-todo: o todo consiste de partes arranjadas em uma configuração específica. A separação ou re-arranjo de partes resultam na destruição do todo. Este esquema é aplicado à unidades discretas e concretas. Exemplo: um casal forma uma unidade, no divórcio eles se separam.
- (g) Ordem linear: é metaforicamente aplicado para a seqüência temporal. Exemplo: o que acontece primeiro acontece antes, o que vem em segundo acontece depois.
- (h) Orientação para cima e para baixo: organiza-se dentro de um campo gravitacional. Exemplo: estar feliz é estar para cima / estar triste é estar para baixo.
- (i) Conceptualizações de grande quantidade /coletivo versus complexo.

As observações de Taylor (1989) são importantes para compreendermos a metáfora como um mecanismo de categorização e como muitos conceitos abstratos podem ser expressos por conceitos concretos. E essa rede de transferência é fundamentada na experiência dos falantes, que criam seus esquemas de imagens baseados nas experiências corporais básicas ou nas experiências culturais, o que contribui para a diversidade de metáforas nas línguas.

Taylor (1989) também sugere alguns exemplos de como as manipulações conceituais (metáfora e metonímia) afetam a linguagem. Entre eles, está à polissemia do diminutivo em

algumas línguas e a formação das *tag questions* no inglês. Dessa maneira, a metáfora é um mecanismo responsável por construir conceitos da experiência humana e também ser parte constituinte da linguagem humana. Sua natureza, portanto, contribui para a organização linguística, pois, se um domínio é conceptualizado por outro, sua materialização linguística será, conseqüentemente, modificada.

No entanto, o autor não relaciona diretamente os fenômenos de mudança língua aos mecanismos de manipulações cognitivas. A gramaticalização, por exemplo, é um processo de mudança semântica em que ocorre perda de conteúdo semântico para haver um ganho de conteúdo gramatical. Assim, ela também pode ser motivada pela metáfora.

Nessa direção, as maiores contribuições dentro do quadro teórico da gramaticalização são de Heine e seus colaboradores. Heine et. alii (1991) entendem a gramaticalização como “uma atividade cognitiva mapeada na estrutura da língua” (p.259). Isso quer dizer que as manipulações conceituais ocorridas no plano cognitivo afetam a estrutura da língua em termos de ocorrer uma transferência do plano semântico para o plano gramatical. Esses autores também propõem que processos cognitivos, como a metáfora e a metonímia motivam a gramaticalização. Para isso é necessário entender o que são os conceitos fonte e meta. No processo da GR, os conceitos fonte também fazem parte do processo de manipulação de conceitos concretos. Esses conceitos dizem respeito a objetos concretos, processos ou localidades, sendo que as fontes mais básicas são as partes do corpo. Atividades humanas básicas como sentar, ficar de pé e deitar também são consideradas como fonte de gramaticalização.

Além disso, os conceitos-fonte são linguisticamente codificados como lexemas, fazendo parte do vocabulário básico. O corpo humano oferece uma gama de pontos de referência para a orientação espacial, como por exemplo, a orientação frente / trás.

No entanto, a definição de um conceito fonte não é apenas promovida pela simplicidade conceitual, como pode parecer. De fato, os autores afirmam que poucas normas são úteis para definir um conceito fonte. Deve-se levar em consideração a influência das situações sócio-culturais para definir esses conceitos.

Além dos conceitos fonte, é necessário compreendermos as estruturas cognitivas denominadas proposições fonte, que expressam estados ou processos básicos para a experiência humana e são representadas envolvendo dois participantes. As proposições mais básicas estão explicitadas no quadro a seguir:

#### **QUADRO 1 - PROPOSIÇÕES FONTE**

(1) X está em Y	proposição locativa
(2) X move-se de/ para Y	proposição de movimento
(3) X faz Y	proposição de ação
(4) X é parte de Y	proposição de parte todo
(5) X é como Y	proposição equacional
(6) X está com Y	proposição de companhia

(HEINE ET ALII, 1991 p.36)

Outra característica importante das proposições fonte é a possibilidade de interação entre duas ou mais preposições a fim de originar uma estrutura gramatical, como é o caso das expressões de posse em Ewe. Há também a possibilidade de uma única estrutura fonte dar origem a várias estruturas gramaticais, como é o caso das proposições locativas darem origem ao aspecto progressivo e à categoria que expressa intenção (futuro verbal).

Um conceito fonte origina mais de uma categoria gramatical e, uma categoria gramatical pode ser derivada historicamente de mais de uma fonte ou conceito. Por isso, é necessário levar em conta que as expressões lingüísticas fontes de gramaticalização possuem duas características em comum: elas são freqüentes e têm o uso generalizado.

No entanto, a alta freqüência não é condição necessária para explicar a gramaticalização. É necessário criar uma combinação de propriedades para explicar esse processo. O enfraquecimento semântico e a abstratização visualizam melhor a transferência conceitual.

O enfraquecimento semântico, como o nome sugere, é o esvaziamento da forma resultante do processo de gramaticalização. O conceito-fonte é pleno de significado enquanto que a forma resultante é vazia, não se adequa às especialidades semânticas dos conceitos-fonte. Essa visão implica que todas as formas envolvidas são partes de uma mesma linha de gramaticalização, compartilhando um denominador comum.

No processo da gramaticalização, o significado do conceito fonte pode desaparecer completamente. Então, a gramaticalização pode tomar direções que não se conciliam. Sweetser (1988), por exemplo, ao discutir o fenômeno de enfraquecimento semântico sob a perspectiva da gramaticalização, questiona se realmente há perda semântica das formas gramaticalizadas.

Já a abstratização descreve a natureza dos conceitos gramaticais meta em relação ao seu respectivo conceito fonte. Heine et alii (1991), com base em Sapir (1921), representam a relação



entre conceitos e graus de abstração. Numa escala, os conceitos podem ser desde básicos (mais concretos) até puramente relacionais (mais abstratos), como pode ser observado no quadro a seguir:

## QUADRO 2- ESCALA DE ABSTRATIZAÇÃO DOS CONCEITOS

Conceitos	Grau de abstração
I Básicos	Concreto
II Derivacionais	Menos concreto
III Concreto relacional	Mais abstrato
IV Puramente relacional	Puramente abstrato

A noção de abstração é muito ampla e pode ser compreendida de várias maneiras. Os autores selecionaram três conceitos de abstração para ser objeto de discussão. São elas: abstratização generalizante, abstratização isolante e abstratização metafórica, sendo a última mais relevante para o processo de gramaticalização.

Como já se mencionou, a metáfora apresenta várias definições, desde a denominação de uma figura de linguagem até a relação entre domínios conceituais. O que é relevante para a nossa discussão é compreender a metáfora como uma atividade operadora da gramaticalização. Assim, levaremos em consideração o conceito de metáfora categorial em oposição ao conceito de metáfora conceitual.<sup>5</sup>

Destacaremos algumas das características próprias da atividade metafórica na gramaticalização. Tomaremos como exemplo o desenvolvimento do verbo inglês *go* como marcador de futuro e intencionalidade. Sabe-se que este verbo tem um sentido original de verbo de movimento. Assim, nessa mudança as seguintes características são observadas:

- a) a transferência de significado;
- b) o mapeamento do esquema de imagem, transferência de um domínio para o outro, do domínio espacial para o domínio temporal. (SWEETSER, 1988);
- c) a facilidade em se compreender um conceito mais concreto, como movimento, do que um conceito temporal-como a noção de futuro;

<sup>5</sup> A definição de metáfora conceitual não é incorporada por Heine et all (1991) por ser mais restrita. A metáfora categorial, segundo os autores incorporam muitas metáforas conceituais.

d) A violação de algumas regras da língua. O verbo *go*, indicador de movimento, pede prototipicamente um sujeito humano e passa a necessitar um sujeito não-humano.

e) Conceitos humanos associados a conceitos não-humanos;

f) A coexistência do significado literal e do significado transferido, ocorrendo ambigüidade.

A partir dessas características, pode-se observar que a metáfora é uma relação de transferência de domínios conceituais. As proposições fonte básicas, então, são descritas em termos das seguintes categorias de metáforas:

**Pessoa>objeto>atividade>espaço> tempo>qualidade**

(HEINE ET ALII, 1991, p.48)

A transferência entre essas categorias é que exprime a conceitualização de termos abstratos em termos mais concretos. Assim, o arranjo espaço-tempo é considerado por Heine et alii. (1991) como uma metáfora categorial, em que a primeira categoria é veículo da segunda.

O interessante é observar que essas transferências baseiam-se em esquemas que partem dos domínios mais concretos para domínios mais abstratos (SWEETSER, 1988), visto que as categorias situadas mais à esquerda da escala representam conceitos mais básicos da experiência humana. Consequentemente, o fluxo da organização configura-se como unidirecional.

Assim, a metáfora apresenta-se como importante mecanismo de motivação do processo da gramaticalização, que se organiza por transferência de conceitos.

### **Considerações finais**

Partindo de uma concepção de que a gramaticalização é “o resultado de manipulação conceitual” (Heine et alii, 1991, p. 224), é possível compreender que a metáfora é um mecanismo motivador do processo de gramaticalização. Existem outros mecanismos, como a metonímia, de manipulação conceitual importante no processo de mudança linguística, mas a sua organização ocorre por relações de contigüidade dos conceitos. Assumir que essas manipulações conceituais interferem no plano linguístico, pressupõe uma concepção de linguagem sob um paradigma cognitivo-funcional, considerando a língua em uso como unidade de análise.

## Referências Bibliográficas

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JANDA, R & JOSEPH, B (eds.). *Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

BYBEE, J., PERKINS, R. & PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CAMPBELL, L. What's wrong with grammaticalization. In: *Language sciences*, v. 23 2001, p. 113-161.

CASTILHO, A.T. A gramaticalização. In: *Estudos lingüísticos e literários*. nº 19 São Paulo: 1997, p. 25-61.

GONÇALVES, S.C.L. et alii. *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEINE, B. CLAUDI, U. HÜNNEMEYER, F. In: *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B.; KUTEVA, T. *The Genesis of Grammar: a reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HOPPER, P.J. Emergent Grammar. *Berkeley Linguistic Society*, v. 13, 1987, p. 139-157.

\_\_\_\_\_. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*, v.1. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p.17-35.

HOPPER, P.J.; TRAUGOTT, E.C. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, 1993.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metaphors We live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LASS, R. Remarks on (uni)directionality. In: FISHCER, O et alii (eds). *Pathways of change: grammaticalization in English*. v. 53. Amsterdam: John Benjamins, 2000. p.207- 227.

LEHMANN, C. *Thoughts on grammaticalization*. 2 ed. Efurt:2002.

\_\_\_\_\_. Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change. In: *Lingua e Stile*, nº 3, 1985.

NEWMAYER, F. Deconstructing Grammaticalization. In: *Language sciences*, v. 23, 2001, p. 187-229.

NICHOLS, J; TIMBERLAKE, A. Grammaticalization as retextualization. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*, v.1. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p..130-146.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em lingüística. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A.C. (orgs). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. v.3. São Paulo: Cortez, 2004.

RAMAT, A. HOPPER, P. *The limits of grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

SWEETSER, E. Grammaticalization and semantic bleaching. In: *Proceedings of the Fourteenth annual meeting of the Berkeley Linguistics society*. 1988.

TAYLOR, J. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

\_\_\_\_\_. *Cognitive grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2002.